**T****ECNOLOGIAS DIGITAIS, LITERATURA INFATIL E LETRAMENTOS**  **DIGITAIS: REFLEXÕES SOBRE A OBRA “MENINA DA CABEÇA QUADRADA”**

**Mariana Hanae Nascimento Hayashi[[1]](#footnote-2)**

**Marta da Conceição de Paula[[2]](#footnote-3)**

**Terezinha Fernandes[[3]](#footnote-4)**

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar a recomendação de leitura literária “Uma geração conectada: como lidar com o uso da tecnologia na infância” no blog leiturinha.com.br com o livro “A Menina da Cabeça Quadrada”, visando compreender os usos e consumos de tecnologias digitais na infância pelo viés dos letramentos digitais. O estudo sobre o tema letramentos digitais faz parte de uma pesquisa de mestrado e está inserido na abordagem qualitativa, com inspiração no método da netnografia. Dialogamos com os entendimentos a respeito da cibercultura, literatura infantil, tecnologias digitais, letramentos digitais e literários. Para dialogar com o referencial teórico selecionamos 2 comentários do blog com destaque ao contexto da cibercultura, as ressonâncias nas práticas sociais de letramentos digitais e mobilização dos letramentos literários. Os resultados indicam dois pensamentos distintos para usos e consumos de tecnologias na infância: um demonstra a concepção binária de “bom” e “mau” e o outro demonstra a necessidade de romper com essas concepções, pois as tecnologias digitais não são neutras, fazem parte da cultura que a criança está inserida. Esta dualidade de concepções aponta a necessidade de problematizarmos tais questões e nos auxiliam a reflexões necessárias ao desenvolvimento dos letramentos digitais e literário das crianças. Concluímos que obras literárias que abordam o uso das tecnologias digitais podem levantar reflexões importantes sobre o tema, fortalecem o diálogo e a criticidade e favorecem o desenvolvimento dos letramentos digitais e literários na infância como um processo que necessita de mediação dos adultos para auxiliar a construção dos diversos letramentos.

**Palavras-chave:** Literatura infantil, Tecnologias digitais, Letramentos digitais, Netnografia, Infância.

**1 Introdução**

A sociedade em que vivemos assim como o tempo histórico chamados atualmente de cibercultura ou cultura digital tensionam debates a respeito de nossa relação com as tecnologias digitais, quanto aos usos e consumos, bem como as nossas percepções a respeito delas. Essa relação engendra ressonâncias em diversos aspectos da vida cotidiana, como brincar, ler, se divertir, aprender, trabalhar e outros, os quais não podemos ignorar. Quanto a isso é sensível que nossas noções a respeito das tecnologias digitais passam por nosso contexto social nas diversas formas que a consumimos, utilizamos e refletimos sobre elas. Nesse sentido, propor diálogos mais abertos, que ampliem ideias generalistas e superficiais são necessárias, pois, superam percepções deterministas a respeito da utilidade e seu caráter de “bom” ou “mal”.

A experiência apresentada teve como objetivo analisar a recomendação de leitura literária “Uma geração conectada: como lidar com o uso da tecnologia na infância” no blog leiturinha.com.br com o livro “A Menina da Cabeça Quadrada”, visando compreender os usos e consumos de tecnologias digitais na infância pelo viés dos letramentos digitais.

O estudo está inserido nas pesquisas de cunho qualitativo, com pesquisa bibliográfica e netnografia, a partir das quais realizamos reflexões sobre literatura para crianças e tecnologias. Para embasar o estudo utilizamos os conceitos de cibercultura, literatura infantil, tecnologias digitais, letramentos digitais e literários para compreender os usos e consumos de tecnologias digitais na infância.

Apresentamos inicialmente o referencial teórico com os principais conceitos que embasam nossos entendimentos para dialogar com a indicação da leitura literária do livro “A Menina da Cabeça Quadrada” (<https://leiturinha.com.br/blog/uma-geracao-conectada-como-lidar-com-o-uso-da-tecnologia-na-infancia/>) e com os comentários dos participantes no blog. Em seguida trazemos a metodologia com os entendimentos a respeito da netnografia e o levantamento feito no blog leiturinha acerca de matérias e textos sobre tecnologias digitais. Posteriormente descrevemos os dados e fazemos análise e discussão da indicação literária mencionada a partir dos comentários dos leitores feitos no blog. E, por último, fazemos as conclusões do estudo.

**2 Cibercultura e tecnologias digitais**

Novas relações com as mídias digitais emergem na cibercultura ou cultura digital criando diferentes práticas sociais e culturais que atravessam também as maneiras de aprender, ler e brincar pelas crianças, por meio das quais significam suas práticas no uso das tecnologias digitais e de leitura literária, as quais são artefatos culturais de construção de sentido e interação crítica com o mundo.

A cultura digital ou cibercultura caracteriza-se por forjar produtos e fenômenos culturais a partir da relação entre seres humanos e tecnologias digitais. A cibercultura é entendida para Santos (2014, p. 20) como “a cultura contemporânea estruturada pelos usos das tecnologias digitais nas esferas do ciberespaço e das cidades”. Nessas relações, ocupamos o ciberespaço tecendo e constituindo nossas redes sociais (SANTOS, 2014). Para a autora “o ciberespaço é um conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos do mundo físico das cidades, suas instituições práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos ao longo da sua história” (SANTOS, 2014, p. 26).

Sendo assim, fazer indicação, debater temáticas e comentar sobre literatura são práticas sociais contemporâneas importantes na construção de letramentos diversos, onde os praticantes culturais encontram na internet outras formas de estar junto, comentar, debater, indicar leituras literárias e transpor barreiras físicas e geográficas. Entretanto, Santos (2014) alerta que a cibercultura não se trata da transposição do físico para o digital. Emergiram outros espaços e manifestações culturais “extrapolando seus limites tecnológicos, deixando marcas e intervenções nas cidades e nas diversas redes educativas” (SANTOS, 2014, p.31). As Tecnologias Digitais são entendidas neste estudo como Interfaces que são:

[...] os dispositivos que permitem produzir, disponibilizar e compartilhar conteúdo digitalizado em diversos formatos e linguagens (textos, áudio, imagens estáticas e dinâmicas) mixadas ou não. [...] Estas podem ser síncronas, de comunicação em tempo real (como chats e webconferências), ou assíncronas, de comunicação em diferentes tempos (como correio eletrônico, fóruns, listas de discussão, portfólios, diários, blogs, glossários, wikis) (SANTOS; SILVA, 2009 p. 275-276).

Os autores apresentam em Johnson (2001) as diferenças conceituais em relação as tecnologias digitais utilizada como “ferramentas” que para eles é utilizado de forma equivocada:

A ferramenta está para a sociedade industrial como instrumento individual de fabricação, de manufatura. A interface, no contexto sociotécnico do computador online, é espaço coletivo de comunicação entre duas ou mais faces humanas ou infotécnicas geograficamente dispersas. É mais do que um mediador de interação ou tradutor de sensibilidades entre as faces (SANTOS; SILVA, 2009, p. 275).

As tecnologias digitais são nessa concepção artefatos culturais, ou seja, são objetos situados no contexto da sociedade, onde seus usos são significados por nós em determinado tempo histórico. Sendo assim, representa campo de possibilidades à interação, comunicação e aprendizagem. Nesse sentido situamos os letramentos digitais como as apropriações que realizamos no uso destes artefatos e como as significamos em nosso cotidiano. Os letramentos digitais são compreendidos como:

um dentre os diversos tipos de letramentos, que se amplia para outras semioses que não somente a escrita, abarcando as múltiplas linguagens, meios, recursos e interfaces da comunicação digital e das diversas habilidades que são requeridas para com ele atuar, desde a sua apropriação, consumo e produção com MD, como requer a contemporaneidade (SOUZA, 2016, p. 80).

Nesse sentido, buscamos refletir sobre a presença das temáticas das tecnologias digitais na literatura infantil pensando as formas como elas se relacionam, manifestam as concepções da sociedade contemporânea e apresentam possibilidades à construção de letramentos digitais e literários. Apresentamos a seguir nossos entendimentos sobre literatura, literatura infantil e letramento literário que nos auxiliarão nas discussões a respeito do texto “Uma geração conectada: como lidar com o uso da tecnologia na infância” no blog leiturinha.com.br que faz a indicação da leitura literária do livro “A Menina da Cabeça Quadrada”.

**2.1 Literatura infantil e letramento literário**

Contar histórias é uma prática antiga da sociedade que historicamente produziu narrativas para ensinar e manter tradições. Para Coelho (2000):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, à vida, através da palavra. Funde os sonhos e à vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p. 27).

Para Filho (2009) a diferença de literatura para literatura infantil concentra-se na manifestação textual, ou seja nas maneiras como o conteúdo do texto se apresenta, e em como “o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre outros elementos textuais” (FILHO, 2009, p. 15). Para o autor as temáticas infantis não diferem de outros textos que circulam em jornais e literatura para adultos. Nesse sentido, a Literatura infantil discute em sua essência os “valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas” (FILHO, 2009, p. 15). Para Coelho (1991) a literatura infantil representa:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (COELHO, 1991, p. 5).

De acordo com a autora a literatura infantil representa possibilidades formativas através de seus incontáveis gêneros textuais, auxiliando a criança na construção de saberes humanos e construção de identidade. Coelho (2000) também ressalta que a literatura infantil passou por mudanças em sua identidade e valorização conforme o tempo, está em constante mudança e reflete os valores de uma determinada época. Inicialmente as histórias contadas às crianças, que eram compreendidas como “adultos em miniaturas”, não se distinguiam das adultas, sendo assim as obras literárias eram adaptadas, retiradas as “dificuldades de linguagem, as digressões ou reflexões que estariam acima da compreensão infantil; retiradas as situações ou os conflitos não-exemplares e realçando principalmente as ações ou peripécias de caráter aventuresco ou exemplar” (COELHO, 2000, p. 29). A partir dos estudos da psicologia e dos estágios de desenvolvimento infantil começamos a compreender a criança em seus estágios de formação o que transforma a literatura infanto/juvenil levando-a a “(...) adequar-se ou conseguir falar, com autenticidade, aos seus possíveis destinatários” (COELHO, 2000, p. 30).

Com os avanços e compreensões sobre as crianças e suas formas de compreender o mundo, muitas outras possibilidades se abriram à literatura infantil, entretanto Coelho (2000) ressalta que na construção de histórias e também nas escolas permanece forte o caráter didático da literatura infantil, com o objetivo de transmitir valores e formas de se ver o mundo. Ainda assim, também podemos compreender a literatura infantil no seu sentido artístico e simbólico. Além disso, os processos sociais, culturais e políticos resultam em uma literatura infantil mais engajada, dialógica com as situações do cotidiano, “a literatura contemporânea visa alertar ou transformar à consciência crítica de seu leitor/receptor” (COELHO, 2000, p. 29).

Compreendemos, com Cosson (2019), o papel fundamental da seleção e indicação literária, assim como o ato de ler para uma criança momento importante de diálogo e reflexão a respeito da temática, dos personagens e contextos da história. Muito mais que transmitir valores ou não, toda leitura passa pelo divertimento, aprendizagem, construção das relações humanas e do imaginário. Nessas reflexões é possível que a criança resgate conhecimentos já apreendidos, faça relações com outras histórias, construa novos significados e mobilize inúmeros letramentos. Entre eles, destacamos o letramento literário, que as práticas sociais da linguagem em textos literários e,

[...] em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dona da linguagem que, sendo minha, é também de todos (COSSON, 2019, p. 19).

O letramento literário, para Cosson (2019), é o exercício contínuo da criticidade no mundo a partir das narrativas, é lugar de praticar, aprender e viver pela alteridade, “e isso se dá porque à literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade” (COSSON, 2019, p. 17).

Através das reflexões e construção de sentido proporcionados pelas narrativas literárias compomos as concepções das crianças a respeito das relações humanas e sobre à presença, uso, intensidade e importância das tecnologias digitais na sociedade contemporânea, as quais nos auxiliam a buscar mais diálogos e interpretações que fogem dos discursos maniqueístas. Buscando maiores reflexões sobre a relação das tecnologias digitais e literatura infantil apresentamos a discussão abaixo em Buckingham (2007) para auxiliar no diálogo e visões a respeito do uso de tecnologias digitais por crianças.

**2.2 Tecnologias digitais na infância**

Em relação às tecnologias digitais, buscamos um diálogo com Buckingham (2007) sobre duas visões acerca da utilização de mídias eletrônicas na infância. Buckingham (2007) apresenta o panorama histórico-cultural sobre a infância. O autor afirma que a infância é fruto de uma construção social, portanto, culturalmente, historicamente e socialmente variável. Ele apresenta a escola como um dos espaços que promove essa definição dentro da sociedade:

A escola, por exemplo, é uma instituição social que efetivamente constrói e define o que significa ser uma criança – e uma criança de uma determinada idade. A separação das crianças pela idade biológica em vez de pela ‘habilidade’, a natureza altamente regulamentada das relações entre professor e aluno, a organização do currículo e do horário das atividades cotidianas, o processo de avaliação – todos servem de diferentes maneiras para reforçar e naturalizar pressupostos particulares sobre o que as crianças são e devem ser (BUCKINGHAM, 2007, p. 20).

 As definições também são codificadas por meio de leis e políticas, entretanto, apesar destas definições, Buckingham (2007) apresenta a incoerência cometida pela escola e família em relação aos comportamentos tipicamente “infantis” (BUCKINGHAM, 2007, p. 20). Em um primeiro momento ambas as instituições apresentam definições claras acerca dos direitos e responsabilidades de adultos e crianças, mas na prática se mostram contraditórias, pois “como bem sabem os pais e os professores, as crianças rotineiramente desafiam e negociam essas definições, nem sempre de forma direta e sim às vezes através do que poderíamos chamar de táticas de guerrilha” (BUCKINGHAM, 2007, p. 20). Assim:

De um lado, por exemplo, os pais e os professores todos os dias conclamam as crianças a “crescer”, e a se comportar da forma que consideram madura e responsável; de outro lado, eles negam privilégios às crianças, baseados em que elas ainda não têm idade para apreciá-los ou não merecem fazê-lo (BUCKINGHAM, 2007, p. 20-21).

Uma das consequências apresentadas por Buckingham (2007) sobre essa incoerência é a infância como exclusão:

Mesmo com toda a ênfase pós-romântica na sabedoria e na compreensão inatas das crianças, elas são definidas principalmente em termos do que não são e do que não conseguem fazer. As crianças não são adultos; portanto, não podem ter acesso às coisas que os adultos definem como “suas”, e que os adultos acreditam ser os únicos capazes de compreender e controlar. De modo geral, é negado às crianças o direito de auto-determinação: elas precisam contar com os adultos para representar seus interesses e argumentar em seu nome (BUCKINGHAM, 2007, p. 29).

Entretanto, Buckingham (2007) percebe que estas exclusões são aplicadas a campos específicos, como da violência e da sexualidade, da economia e da política. “E o significado dos meios de comunicação eletrônicos nesse contexto relaciona-se, claramente, com o fato de eles serem uma das fontes primárias de conhecimento sobre tais assuntos” (BUCKINGHAM, 2007, p. 31), promovendo assim dilemas fundamentais entre “acesso” e “controle”.

Neste contexto, a primeira visão apresentada por Buckingham (2007) relaciona os meios de comunicação com a “morte da infância”. Ele apresenta a tese de Postman (1999), que percebe as mídias como influência negativa sobre as crianças e a imprensa responsável pela concepção contemporânea da infância.

E do outro lado, Buckingham (2007) apresenta a visão dos entusiastas da chamada ‘revolução das comunicações’, “que vêem as mídias – especialmente os computadores – como vias para a liberação das crianças. Nas duas perspectivas, as mídias têm um papel central, não apenas refletindo as mudanças sociais e culturais mais amplas, mas também produzindo-as” (BUCKINGHAM, 2007, p. 275).

Enquanto na primeira visão a tecnologia “é vista como autônoma em relação a outras forças sociais, exercendo sua influência sem depender dos contextos e propósitos em que é usada” (BUCKINGHAM, 2007, p. 58), a segunda percebe,

[...] potencial libertador das novas tecnologias da mídia: elas são vistas como amplificadoras do controle democrático das comunicações, capazes de transformar consumidores em produtores, possibilitando que novas vozes sejam ouvidas e que novas formas de identidade e subjetividade sejam representadas. Velhos modos de coerção e hierarquia estariam sendo superados, na medida em que surgem oportunidades para formas culturais mais novas, interativas e desafiadoras (BUCKINGHAM, 2007, p.119).

Assim, de acordo Buckingham (2007, p. 29), Postman (1999) e outros autores apoiam-se em uma visão do público das mídias como uma massa homogênea. As crianças, em particular, são vistas implicitamente como passivas e indefesas diante da manipulação das mídias quando se trata de usos e consumos.

Por outro lado, Buckingham (2007, p. 72) apresenta Tapscott (1999) que argumenta que as tecnologias digitais garantem:

[...] mudanças estruturais – democratização, liberdade de escolha e expressão, abertura, inovação, colaboração. Ela desenvolve uma nova autenticidade humana caracterizada por independência do pensamento, confiança nos outros e em si, honestidade, partilha, e um saudável ceticismo com relação à autoridade. Com o tempo, ela poderá até mesmo provocar uma “explosão geracional”, um “despertar social”, que colocará por terra as hierarquias tradicionais de conhecimento e poder (BUCKINGHAM, 2007, p. 74).

Buckingham (2007), percebe que ambas as visões são generalizadas e deterministas, para ele as tecnologias digitais na infância não são vilãs e nem são a salvação da educação, pois,

[...] as mídias eletrônicas têm um papel cada vez mais significativo na definição das experiências culturais da infância contemporânea. Não há mais como excluir as crianças dessas mídias e das coisas que elas representam, nem como confiná-las a materiais que adultos julguem bons para elas. A tentativa de *proteger* as crianças restringindo o acesso às mídias está destinada ao fracasso. Ao contrário, precisamos prestar muito mais atenção em como *preparar* as crianças para lidar com estas experiências, e ao fazê-lo, temos de parar de defini-las simplesmente em termos do que lhes falta (BUCKINGHAM, 2007, p.32, grifo do autor).

Compreendendo as tecnologias digitais como artefatos culturais, pertencentes ao tempo histórico e cotidiano dos praticantes culturais na contemporaneidade e a literatura infantil também como artefato que representa o imaginário infantil, atrelada ao divertimento, a aprendizagem, a ludicidade e a construção de relações de sentido com o mundo. Fernandes (2020) nos traz que:

É necessário colocar em debate a binaridade entre bom e mau na relação entre literatura infantil e tecnologias e as inúmeras possibilidades de explorar as temáticas na formação de professoras e na educação de crianças. Há muitas tensões a serem problematizadas e compreendidas sobre elas no contexto da cultura digital, dialogando com valores estéticos e éticos. Com as transformações tecnológicas, sociais e culturais surgem novos artefatos, linguagens, modos de uso, consumo, produção e compartilhamento de informações e conhecimentos, e com isso, os modos de mediação do adulto entre os artefatos tecnológicos e as crianças em práticas sociais e educacionais também mudam significativamente (FERNANDES, 2020, p. 69).

É com estes entendimentos que a análise da publicação “Uma geração conectada: como lidar com o uso da tecnologia na infância” no blog leiturinha.com.br que faz a indicação da leitura literária do livro “A Menina da Cabeça Quadrada” será discutida neste estudo, fazendo a relação entre a recomendação de leitura literária apresentada e os usos e consumos de tecnologias digitais na infância pelo viés dos letramentos literários e digitais.

**3 Metodologia**

Realizamos uma pesquisa na internet, inspirada nos princípios da netnografia entendendo ser “apropriada para o estudo [...] de culturas que manifestam interações sociais importantes virtualmente” (KOZINETS, 2014). A netnografia é entendida como:

Pesquisa observacional participante em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal (KOZINETS, 2014, p. 61).

 A netnografia, para Kozinets (2014), é a etnografia que utiliza como fonte de dados as comunicações mediadas por computadores em rede com a finalidade de compreender o fenômeno cultural existente na internet, pois os Cientistas Sociais concluem que não podem “compreender adequadamente muitas das facetas mais importantes da vida social e cultural sem incorporar a internet e as comunicações mediadas por computador” (KOZINETS, 2014, p. 10).

 Apesar de não seguirmos todos os passos propostos por Kozinets (2014) a respeito das especificidades da netnografia, intencionamos, com base neste método, compreender as reflexões elaboradas pelos praticipantes culturais por meio de comentários públicos em matérias de sites abertos.

 Diante dos conceitos de literatura infantil e tecnologias digitais e da netnografia, recorremos então à busca de sites em que houvessem esse foco. Nos deparamos com o site leiturinha, que, de acordo com sua descrição é “o **maior clube de assinatura de livros infantis do Brasil**”(LEITURINHA, 2020, grifos do original). Este clube de assinaturas possui diferentes kits disponíveis e a equipe garante que todos são selecionados por especialistas:

Procuramos proporcionar às crianças a experiência mágica e encantadora da leitura, incentivando também os **momentos agradáveis e de qualidade em família**. Pensando nisso, todas as obras literárias que enviamos aos nossos pequenos leitores são cuidadosamente selecionadas pela nossa **Equipe de Conteúdo e Curadoria, composta por especialistas das áreas de Psicologia, Pedagogia, Comunicação, Filosofia e Desenvolvimento Infantil** (LEITURINHA, 2020, grifos do original).

O site leiturinha, porém, é apenas um site para divulgação deste clube de assinaturas, sem qualquer forma de interação pública entre os leitores. A marca, por outro lado, faz parte de uma maior, a *PlayKids*, especializada em conteúdos educativos infantis e que possui diversos produtos, dentre eles, o Blog Leiturinha, que promove dicas nessa temática e é divulgado no “sobre” do Leiturinha:

**Muita leitura e momentos em família! Para receber dicas de leitura dos nossos especialistas e informações importantes sobre desenvolvimento e educação dos pequenos, acompanhe também o Blog Leiturinha** (LEITURINHA, 2020, grifos do original).

Redirecionarmos para o *link* indicado e nos deparamos com um site acessível e intuitivo. Na capa da página inicial identificamos o nome do site, “blog da Leiturinha” e o *slogan* “aprender é divertido”. Abaixo dessa capa há uma barra com diversas abas de navegação, que são separadas por temas, como Bebês, Filhos, Educação, Desenvolvimento, Ideias legais, Cultura e *Playkids*. Todos as redes sociais são relacionadas também com *hiperlinks* nessa mesma barra e ao final, uma lupa para buscas no site.

Pesquisamos no buscador do site blog da leiturinha o descritor “tecnologias digitais”, a busca retornou 5 postagens. Dentre elas, apenas uma com a literatura infantil como relação:

**Quadro 1:** Resultados encontrados para "tecnologias digitais"

|  |  |
| --- | --- |
| **Título das postagens** | **Assunto principal** |
| O que é a nova base comum curricular? | Editorial |
| Os Primeiros Livros do Mundo | Editorial |
| Saiba o que é o Dia Internacional da Internet Segura | Editorial |
| Novas recomendações sobre o bom uso da tecnologia apontam para seus benefícios na infância | Editorial |
| Uma geração conectada: como lidar com o uso da tecnologia na infância | Recomendação de literatura infantil |

**Fonte:** elaborado pelas autoras com base nos resultados encontrados no site blog da leiturinha 2020.

Assim, o objetivo de conhecer obras literárias infantis que versassem sobre tecnologias digitais no blog da leiturinha, um clube do livro voltado à literatura de crianças, localizamos a recomendação de leitura literária “Uma geração conectada: como lidar com o uso da tecnologia na infância” (<https://leiturinha.com.br/blog/uma-geracao-conectada-como-lidar-com-o-uso-da-tecnologia-na-infancia/>).

O texto do blog aborda o conteúdo do livro infantil realizando reflexões sobre a imersão de crianças na cultura digital, enfatizando que elas estão familiarizadas com dispositivos tecnológicos e interfaces digitais como *tablets,* jogos, vídeos, celular e outros. Na recomendação de leitura literária afirma-se, ainda, que “as novas tecnologias e a criação de plataformas interativas que possibilitam ampliar as capacidades visuais, espaciais de memória e atenção dos pequenos. Isso significa que o uso direcionado e supervisionado do **digital** pode ser muito benéfico na infância” (BLOG DA LEITURINHA, 2017, grifo do original).

Diante disso, o blog leiturinha, nesta publicação, sugere a leitura da obra “a menina da cabeça quadrada” de Emília Nuñez, com ilustrações de Bruna Assis Brasil, para incentivar o hábito da leitura e refletir sobre a tecnologia na infância. A história trata de uma menina chamada Cecília, que usava muito os artefatos tecnológicos para brincar, ler e se divertir, e um dia ao acordar estava com a cabeça quadrada. Ao lembrar-se dos conselhos da avó que a advertia sobre passar muitas horas assistindo televisão, utilizando *tablet* e celular ao invés de brincadeiras tradicionais como pião, bicicleta, bambolê, bola e outras, a menina passa a brincar com os irmãos e os colegas com tais brincadeiras e ao final todos voltam a ter cabeças redondas. A obra mostra, segundo o blog, que “uma conexão entre os brinquedos tecnológicos e interativos dos tempos modernos, às brincadeiras de quintais, muito antigas” são importantes para balancear a rotina (<https://leiturinha.com.br/blog/uma-geracao-conectada-como-lidar-com-o-uso-da-tecnologia-na-infancia/>).

A recomendação da leitura da obra feita pelo blog ressalta que as tecnologias digitais possuem aspectos positivos, mas que devemos valorizar experiências e brincadeiras clássicas, tão importantes quanto as interações *online,* todavia, provocou-nos inquietações a respeito das questões que envolvem a concepção binária “bom e mau” sobre os usos e consumos de tecnologias digitais contemplados nesta obra de literatura infantil, conforme discutimos no próximo item.

**4 Resultados e Discussões**

A recomendação de leitura literária “Uma geração conectada: como lidar com o uso da tecnologia na infância”, publicada no dia 07 de junho de 2017, recebeu 12 comentários, sendo todos identificados pelo nome que aparece no perfil público do leitor e a data das publicações feitas entre 07 de junho a 05 de agosto de 2017.

**Quadro 2:** Comentários na recomendação de leitura literária “Uma geração conectada: como lidar com o uso da tecnologia na infância”

|  |  |
| --- | --- |
| **Nome** | **Comentários** |
| Emília Nunez | Que alegria!!! Espero que nossos pequenos leitores curtam muito o livrinho e se inspirem a brincar ainda mais!!! |
| Marco Reis  | Acredito que a alfabetização digital é um fato consumado no mundo. Devemos modernizar a nossa educação e aplicar a tecnologia da melhor forma, sem jamais demonizá-la em função de usos inadequados.Há bastante literatura sobre tecnologia para crianças fora do país e precisamos, com alguma urgência, começar a produzir esse conteúdo por aqui. Independente do nível de riqueza do país, o mundo está indo na direção do digital. Países ricos como EUA e China estão completamente imersos nessa direção, sem contar com os europeus.Fica minha sugestão e contribuição para iniciar a discussão. |
| Alexandra Maeda | Estou fascinada pelos livros da leiturinha e minha filha também. Ela ama ouvir histórias e tbm gostar de jogar no tablet, Quando viu o livro A menina da cabeça quadrada achou o máximo porque na história a menina tbm chamava Cecília, mas quando ela entendeu porque a menina tinha cabeça quadrada começou a chorar porque ela tbm gosta de brincar no tablet e assistir TV e achou de verdade q a sua cabeça ia ficar igual a da menina da história. Expliquei q poderia usar o computador e assistir TV com tempo estabelecidado pela mamãe e pelo papai. Perguntei pra Cecilia se gostou da história ela disse q não. Achei interessante a resposta dela porque ela se imaginava na história. |
| Renata Martins | Adorei esse livro e minha pequena também, já vinha tentando diminuir a TV e o celular dela, agora ficou mais fácil. |
| Val Ribeiro | Ainda não conheço o livro "A menina da cabeça quadrada", mas acredito que ele pode ajudar bastante os pais nessa desafiante tarefa que é controlar o uso da tecnologia na infância. |
| Marcela | Minha filha de 5 anos se encantou com o livro da menina da cabeça quadrada!! Chegou em minha casa tem uma semana e ela me pede toda noite para ler o livro para ela!! |
| Karini | Tenho a assinatura mas ainda não recebi este livro. Como faço para comprá-lo ?! |
| Carla | Já recebo o kit em casa mensalmente, gostaria q este livro viesse para mim pois minha filha está muito viciada , queria ajuda em relação a esse vício. |
| Fabriciane | Ontem recebi este livro e meu filho já dormiu com a teve desligada... é maravilhoso saber que através da leitura consegui tirar dele um habito ruim que eu mesma dei a ele... estou realmente realizada com este projeto, pois eu e meu filho estamos aprendendo juntos... obg por tanto amor em um kit de leitura 💙 |
| Priscila de Jesus Damasceno Santos | Não recebi esse ainda, tomara que venha este mês ☺️Fiquei bastante interessada e curiosa... |
| Lucimar | Uma amiga comentou sobre esse livro é o impacto que o mesmo causou em seu filho. Só assim me dei conta de como isso pode me auxiliar na educação do meu filho. Livros indicados para cada idade, momento.... assinei e agora estou no aguardo.  |
| Ana Paula | Sou assinante da leiturinha, mas nunca recebi o livro da Menina da cabeça quadrada. Gostaria muito de recebê-la, pois minha filha tem 4 anos, e gosta muito de jogos eletrônicos. |

**Fonte:** elaborado pelas autoras com base nos comentários dos leitores do site blog da leiturinha, 2020.

Dos comentários dos leitores registrados no quadro acima, destacamos 02 para estabelecer um diálogo com as nossas inquietações acerca da relação entre os usos e consumos de tecnologias digitais contemplados na obra literária em análise:

**Imagem 1:** Comentário do leitor Marco Reis no blog Leiturinha

 **Fonte:** <https://leiturinha.com.br/blog/uma-geracao-conectada-como-lidar-com-o-uso-da-tecnologia-na-infancia/>

Percebemos que o leitor compreende o contexto dos usos da tecnologia digital na cultura atual e concebe a alfabetização digital como uma realidade mundial. Ressalta a importância do uso das tecnologias digitais na educação sem polarizações entre utilizar ou não dispositivos tecnológicos. A alfabetização digital, citada pelo participante, neste estudo é compreendida como letramentos digitais e não se restringe apenas às práticas de aquisição da leitura e escrita em ambientes digitais, mas sim, como práticas sociais com o uso do digital em rede e suas diversas dimensões e habilidades que atravessam o cenário sociotécnico da cultura digital e envolvem políticas de acesso infraestrutura tecnológica, internet e artefatos culturais como obras literárias.

O entendimento do leitor converge com o pensamento de Buckingham (2007) a medida em que compreende a necessidade de não demonizar as tecnologias digitais em virtude de usos inadequados, e sim prepará-las para a utilização.

É importante ressaltar a reflexão que ele promove sobre a importância de se produzir conteúdo sobre “tecnologia” para crianças diante do fato de que, “o mundo está indo na direção do digital”, como o leitor diz. Compreendemos, portanto, que neste sentido, a tecnologia mencionada se trata das tecnologias digitais e em relação a “direção do digital”, ele se refere a cultura digital ou cibercultura. Sendo assim, estamos imersos nessa cultura e nossos debates e reflexões sobre as tecnologias digitais e a literatura infantil podem favorecer importantes questionamentos sobre as brincadeiras do nosso tempo, os limites de tempo que as crianças estão expostos as telas e como elas (re) significam o uso das tecnologias digitais em seu cotidiano.

Enquanto artefato o livro infantil faz parte das maneiras como a criança constrói suas percepções a respeito do mundo. Portanto, obras literárias que levantam discussões do uso das tecnologias digitais na infância problematizam percepções e podem favorecer o letramento literário, ao realizar inferências em leitura literária, relacionar com as práticas sociais do cotidiano e o equilíbrio entre brincadeiras com práticas físicas, corporais, que fazem parte da criticidade e leitura de mundo.

**Imagem 2:** Comentário da leitora Alexandra Maeda no blog Leiturinha

**Fonte:** <https://leiturinha.com.br/blog/uma-geracao-conectada-como-lidar-com-o-uso-da-tecnologia-na-infancia/>

No comentário desta leitora percebemos que a literatura possui um papel fundamental na vida das crianças. Quanto a história relata que a filha identificou-se em um primeiro momento, por ter o mesmo nome da personagem, porém, por gostar muito de brincar com artefatos tecnológicos ficou muito assustada por achar que, a exemplo da personagem, também ficaria com a cabeça quadrada e que, por isso, não gostou da história, pois interpretou o enredo como uma possibilidade real para a situação vivenciada por ela no cotidiano.

Evidenciamos, portanto, que as tecnologias digitais não devem ser vistas como “morte da infância” e nem como “progresso social”, pois ambas as visões são generalizadas e deterministas de acordo com Buckingham (2007). Neste sentido, cabe ao adulto mediar e apresentar a melhor forma de utilização destes artefatos culturais para que haja um equilíbrio entre usos, consumos e a produção de conteúdo pelas crianças, auxiliando-as no desenvolvimento dos letramentos digitais necessários para a realidade atual.

No sentido da mediação percebemos que a leitora relata em seu comentário sobre o tempo estabelecido para a utilização do *tablet,* convergindo para o que Buckingham (2007) menciona que é o papel do adulto, de mediar o acesso e controle. Além disso, podemos perceber que para a leitora e sua filha, a utilização do *tablet* tem como foco os jogos, o que limita o potencial deste artefato, visto que diversas situações podem ser mediadas por ele, promovendo diversos letramentos que auxiliam a criança em sua aprendizagem e desenvolvimento.

**5 Conclusões**

A obra literária recomendada pela leitura do blog provoca reflexões importantes sobre a relação entre usos e consumos infantis de tecnologias digitais, relacionadas ao tempo que as crianças podem utilizá-la, fato que preocupa mães e pais, mas, por outro lado, provoca tensões pelo fato das crianças estarem imersas na cibercultura ou cultura digital e que, por isso, as brincadeiras e a leitura literária se dão com o uso de suportes digitais.

Levando em consideração a nossa imersão nessa cultura que tem como cenário técnico os artefatos tecnológicos e a internet percebemos a importância do acesso e uso das tecnologias digitais, bem como o controle que devem ser discutidos e trabalhados de forma direta com as crianças, promovendo diálogo sobre como mediar a utilização destas de forma segura, para que assim sejam possíveis as apropriações.

Assim, há a necessidade de que sejam discutidas as práticas de cultura no/do cotidiano em que são envolvidas as tecnologias digitais nos diferentes espaços formativos, principalmente estes em que as pessoas são o foco, como comunicação, psicologia, literatura e outros. Precisamos considerar que há uma limitação envolvendo este tema, e que, está limitação, em alguns casos, pode incidir em uma visão dualista e extremista de pensar, por exemplo, que as tecnologias digitais são “maléficas” ou “benéficas”.

Compreendemos que a obra literária em questão nos leva a refletir sobre práticas e intensidade no uso das tecnologias digitais, e que pode mobilizar letramentos literários nas crianças com a mediação dos adultos. Destacamos também que a construção de sentidos pela criança em relação a concepção binária explicitada na obra “bom” brincadeiras tradicionais para continuar com a cabeça redonda e “mau” brincadeiras com artefatos tecnológicos que leva a ficar com a cabeça quadrada, pode induzir a representações que não condizem com valores estéticos e éticos que devem estar presentes na literatura infantil da nossa época.

**Referências**

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

COELHO. Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil:** das origens indo européias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991.

COELHO, Novaes Nelly. **Literatura Infantil**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FILHO, José Nicolau G. **Literatura Infantil:** Múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

FERNANDES, Terezinha. Tecnologias Digitais, Literatura Infantil e Multiletramentos Na Formação de Professoras. **Revista Teias**, v. 21, n. 60, p. 61-74, fev. 2020.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Tradução: Raúl Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital:** a crescente e irreversível ascensão da geração net. Makron Books, 1999.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso-Portugal: WhiteBooks, 2014.

SANTOS, Edméa. Silva, Marco. O desenho didático interativo na educação online. **Revista Iberoamericana de Educación**. n. 49, pp. 267-28, 2009.

SOBRE. **Leiturinha**, 2020. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/sobre>. Acesso em: 02 de fev. de 2020.

SOUZA, Terezinha Fernandes Martins de. **Ondas em Ressonância:** Letramentos Digitais de Estudantes na Universidade Aberta de Portugal. 2016. Tese. (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016.

Uma geração conectada: como lidar com o uso da tecnologia na infância. **Blog da Leiturinha**, 7 De Jun. de 2017. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/uma-geracao-conectada-como-lidar-com-o-uso-da-tecnologia-na-infancia>. Acesso em: 02 de fev. de 2020.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução: Suzana M. de Alencar Carvalho e José Laurentino de Melo. Rio de Janeiro: Graphia; 2005.

1. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação (UFMT), membro do grupo LêTECE/UFMT [↑](#footnote-ref-2)
2. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação (UFMT), membro do grupo LêTECE/UFMT [↑](#footnote-ref-3)
3. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso. Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catariana (UFSC) com doutoramento sanduíche na Universidade Aberta de Portugal (UAb). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (UFMT), Membro dos grupos de pesquisa LêTECE/UFMT, Edumídia/UFSC e GPDOC/UFRRJ – terezinha.ufmt@gmail.com [↑](#footnote-ref-4)